

2024: de menos a mais

O ano de 2024 começa com um panorama relativamente favorável. É verdade que vários indicadores sugerem que o ritmo de crescimento está a abrandar nos principais países desenvolvidos, e é provável que o tom se mantenha enfraquecido durante mais alguns meses. Mas tudo indica que os fatores que abrandam o ritmo de progresso se dissiparão gradualmente nos próximos trimestres, o que deverá dar lugar a um dinamismo crescente da economia, tanto a nível global como na economia portuguesa. Por detrás deste cenário, há cinco hipóteses-chave que se devem cumprir.

Em primeiro lugar, prevê-se que, em 2024, o ciclo inflacionista esteja praticamente encerrado. A redução das pressões inflacionistas já se tem vindo a materializar nos últimos meses, e a contenção dos preços da energia e das matérias-primas, juntamente com efeitos de segunda ordem limitados, permitem algum otimismo. Assim, nos EUA, espera-se que a inflação se situe em torno de 2,0% em meados do ano e que continue a diminuir no segundo semestre do ano, para fechar 2024 abaixo do objetivo da Fed. Na área do euro, o padrão poderá ser semelhante, embora a moderação seja provavelmente um pouco mais lenta e o ano possa terminar com uma taxa ligeiramente acima de 2,0%.

O segundo pressuposto fundamental do cenário, que está estreitamente relacionado com o primeiro, é o de que as condições financeiras serão flexibilizadas ao longo do ano. Até agora, a Fed e o BCE têm-se mostrado muito cautelosos, sublinhando sempre a necessidade de garantir que a inflação seja mantida sob controlo. Mas a melhoria das perspetivas nesta dimensão já levou a uma correção notável nas expectativas de taxas de juro descontadas pelos mercados financeiros no final de 2023. Nos próximos meses, à medida que as taxas de inflação se aproximam do objetivo de 2,0%, é de esperar que os principais bancos centrais comecem a baixar as taxas de juro de referência. Isto aliviará a pressão de muitas empresas e famílias e ajudará a economia a começar a ganhar tração no segundo semestre do ano.

Outro fator de apoio para que a atividade resista à quebra é a boa evolução do mercado de trabalho. O mercado de trabalho tende a reagir com algum atraso à evolução da atividade. Só quando a recessão económica se prolonga é que as empresas ajustam a sua força de trabalho. Este facto pode dar origem a receios de que a situação atual, a manter-se, dê lugar a uma certa destruição de postos de trabalho nos próximos trimestres. No entanto, enquanto se mantiverem as expectativas de que o abrandamento económico será moderado e transitório, e de que a procura começará

em breve a ganhar força, o mercado de trabalho poderá manter-se favorável. É pouco provável que as empresas ajustem as suas forças de trabalho durante um curto período de tempo, dadas as dificuldades relatadas para encontrar trabalhadores em muitos sectores.

Um dos principais riscos no cenário económico mundial vem da China. A maioria dos analistas, incluindo o BPI Research, assume que o profundo ajustamento que o seu sector imobiliário está a sofrer, com uma queda do volume de vendas superior a 40%, se fará sem que os restantes sectores sejam excessivamente afetados. Até à data, as medidas tomadas pelo governo chinês têm sido eficazes e a economia, no seu conjunto, tem continuado a crescer a bom ritmo. Prevê-se que este cenário se mantenha ao longo do ano, mas o desafio que temos pela frente é significativo e qualquer contratempo poderá ter repercussões a nível mundial.

Por último, o principal ponto de interrogação para o cenário económico mundial advém da geopolítica. Parte-se geralmente do princípio de que os conflitos ativos, como a guerra na Ucrânia e entre Israel e o Hamas, não se irão agravar. Este facto é de extrema importância, não só pelo drama humano que geram, mas também pelas repercussões que podem ter na economia mundial, pressionando os preços das matérias-primas ou dificultando as principais rotas comerciais.

Como tem sido habitual nos últimos anos, a incerteza em torno do cenário de previsão é muito elevada, mas as hipóteses de trabalho que atualmente se afiguram mais razoáveis permitem-nos ser cautelosamente otimistas. Embora o ano comece com vários indicadores que apontam para uma moderação do ritmo de crescimento, 2024 deverá ser um ano que passa “de menos a mais”.